



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIANA RODRIGUES PROENÇA

**CONSEQUÊNCIAS APRESENTADAS PELO CUIDADOR AO
COMPORTAMENTO INIBIDO DA CRIANÇA**

MARIANA RODRIGUES PROENÇA

**CONSEQUÊNCIAS APRESENTADAS PELO CUIDADOR AO
COMPORTAMENTO INIBIDO DA CRIANÇA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Cristina Caserta Gon

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Proença, Mariana Rodrigues .

Consequências apresentadas pelo cuidador ao comportamento inibido da criança / Mariana Rodrigues Proença. - Londrina, 2018.
55 f. : il.

Orientador: Márcia Cristina Caserta Gon.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Inibição Comportamental - Tese. 2. Análise do Comportamento - Tese. 3. Desenvolvimento Humano - Tese. 4. Temperamento - Tese. I. Gon, Márcia Cristina Caserta . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

MARIANA RODRIGUES PROENÇA

**CONSEQUÊNCIAS APRESENTADAS PELO CUIDADOR AO
COMPORTAMENTO INIBIDO DA CRIANÇA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Área de concentração: Análise do Comportamento

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dr^a. Márcia Cristina Caserta Gon
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dr^a. Nádia Kienen
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Roberto Alves Banaco
Associação Paradigma

Londrina, 26 de março de 2018.

Dedico este trabalho aos meus pais Mauro e Solange, ao meu irmão Sidney e ao meu noivo Marcus.

PROENÇA, Mariana Rodrigues. **Consequências apresentadas pelo cuidador ao comportamento inibido da criança**. 2018. 55 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

Inibição comportamental é um termo designado a descrever padrões de comportamentos e de respostas emocionais da criança apresentado diante de pessoas, situações, lugares e objetos novos ou pouco familiares. Além das influências genéticas e biológicas, existe influência do ambiente sobre o comportamento do indivíduo inibido (ou desinibido) desde o seu nascimento. Dessa forma, a inibição comportamental irá se desenvolver e se manter como um perfil inibido apenas sob as condições ambientais específicas, pois respostas operantes não se manifestam totalmente finalizadas, mas resultam de um processo constante de modelagem do comportamento do indivíduo. Com o intuito de compreender melhor o fenômeno de inibição comportamental, este estudo objetiva analisar relatos dos cuidadores sobre os comportamentos inibidos de suas crianças quando expostas a ambientes sociais (pares ou adultos) ou não sociais (objetos, sons ou animais) que são desconhecidos ou pouco familiares, em termos de classes de estímulos antecedentes, classe de respostas das crianças e classe de estímulos consequentes. Para tanto, as crianças foram identificadas por residentes da Clínica Escola de Odontologia Infantil da UEL, de modo que quatro mães aceitaram participar da pesquisa e compareceram a UEL ou receberam a pesquisadora em suas casas. No primeiro encontro foi aplicado o Inventário de Comportamentos para Crianças e Adolescentes (CBCL) e o Questionário de Inibição Comportamental (BIQ). No segundo encontro, foi obtido o relato das mães acerca do comportamento inibido de suas crianças mediante as situações indicadas em cada questão e como as mães reagiam àqueles comportamentos. Trechos da entrevista e dos relatos foram extraídos integralmente e agrupados em classe de estímulos antecedentes, classe de respostas e classe de estímulos consequentes, respectivamente. Foram considerados estímulos antecedentes os contextos investigados: visitar a casa ou receber visita de um adulto desconhecido e/ou criança desconhecida; deparar-se com um grupo de crianças desconhecidas da mesma idade brincando; deparar-se com animais que não costumam ter contato em seu dia a dia; e ouvir sons altos repentinos e inesperados. A classe de respostas foi composta por comportamentos da criança apresentados diante dos aspectos do ambiente social ou físico, descritos em termos de características topográficas da resposta. Nessa classe, foram identificadas as categorias: manter-se próximo à mãe; evitar interação; delongar para iniciar uma ação; e apresentar respostas emocionais. Já em estímulos consequentes foram destacados os relatos que faziam referência aos comportamentos das mães decorrentes da resposta apresentada pela criança diante de estímulos sociais (pares e adultos) ou não sociais (objetos, sons e animais) desconhecidos para ela ou pouco familiar, abordados no roteiro de entrevista. Nessa classe foram destacadas as categorias: descrever o comportamento esperado; descrever características do ambiente; e manter-se próxima à criança. Outras categorias podem não ter sido identificadas devido as mães não terem sido treinadas para observar e descrever os comportamentos de suas crianças, ou em função das perguntas da entrevista não terem sido suficientes para abordar relatos que detalhassem esses aspectos. Provavelmente uma situação de observação direta, com o auxílio de instrumentos de medida, comportamentos relacionados a essas categorias poderiam ter sido constatados.

Palavras-chave: Inibição Comportamental. Análise do Comportamento. Desenvolvimento Humano. Interação cuidador criança. Temperamento.

PROENÇA, Mariana Rodrigues. **Consequences presented by the caregiver to the inhibited behavior of his child.** 2018. 55 p. Dissertation (Master's Degree in Behavior Analysis) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

The term “Behavioral inhibition” describes child’s patterns of emotional behaviors and responses, relatively consistent, presented in front of new or unfamiliar people, situations, places or objects. Besides genetic and biological influences, there is environmental influence on the behavior of an inhibited (or disinhibited) individual since birth. Thus, behavioral inhibition will develop and maintain itself as an inhibited outline only under specific conditions, because operant responses doesn’t express totally finished, but results of a constant modeling process of individual’s behavior. With the aim of better understanding behavioral inhibition’s phenomenon, through the present study it was aimed to analyze caregivers’ reports about their children inhibited behaviors when exposed to social (pairs or adults) or non-social (objects, sounds or animals) environments that are unknown, strange or unfamiliar, in terms of classes of antecedents stimuli, classes of children’s responses and consequent stimuli. The children were identified by residents of Child Dentistry Clinic School of State University of Londrina and four mothers accepted to participate of the research and showed up at the State University of Londrina or received the researcher in their houses. On the first appointment the Child Behavior Checklist (CBCL) and the Behavioural Inhibition Questionnaire (BIQ) were applied. On the second appointment, mother’s reports were obtained about their children inhibited behaviors through the situations indicated in each question and how these mothers react to those behaviors. The excerpts from mothers’ reports were fully extracted and grouped in response classes and classes of consequent events, respectively. The investigated contexts were considered as antecedent stimuli: to visit the house or to receive a visit from an unknown adult and / or unknown child, to encounter a group of unknown children of the same age playing, to encounter animals that do not usually have contact in their day by day; hear loud sudden and unexpected. Response classes were composed by child behaviors presented before aspects of social or physical environments, described in terms of response topographic features. In this class the categories were identified: remaining close to the mother, avoiding interaction, delaying to start an action and presenting emotional responses. In consequent stimuli, reports that referred to mothers’ behaviors due to the response presented by the child in front of unknown, strange or unfamiliar social (pairs and adults) or non-social (objects, sounds and animals) stimulus addressed to them in the interview script. In this class were highlighted the categories: describing expected behavior, describing environment features and staying close to the child. Other categories may not have been identified because mothers were not trained to observe and describe their child's behavior or interview questions were not able to address reports detailing these aspects. Probably a situation of direct observation, with the aid of measuring instruments, behaviors related to these categories could have been verified.

Keywords: Behavioral Inhibition. Behavioral Analysis. Human Development. Caregiver-child interaction. Temperament.

LISTA DE QUADRO E TABELAS

Quadro 1 – Caracterização das díades	16
Tabela 1 – Escores apresentados no Questionário de Inibição Comportamental (BIQ)	23
Tabela 2 – Dados da escala do Inventário de Comportamentos para Crianças e Adolescentes (CBCL)	24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
BIQ	Questionário de Inibição Comportamental
CBCL	Inventário de Comportamentos para Crianças
ADM	<i>Assessment Data Manager</i>
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

Introdução	9
Método	15
Resultados	22
Discussão	29
Considerações Finais	34
Referências	36
APÊNDICES	41
APÊNDICE A – Roteiro de identificação de Comportamentos Inibidos Pesquisa de Mestrado sobre Inibição Comportamental - Mariana R. Proença.....	42
APÊNDICE B – Questionario	43
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	46
ANEXOS	48
ANEXO A – Parecer	49
ANEXO B – Questionário Socioeconômico	52
ANEXO C – Questionários de Inibição Comportamental (Para pais)	53

Introdução

Padrões de comportamento peculiares a cada indivíduo são construídos ao longo do desenvolvimento humano, o que o torna um ser único e inconfundível (Banaco, Vermes, Zamignani, Martone & Kovac, 2012). Entre as características individuais estão aquelas relacionadas à inibição comportamental, cujo termo traduzido originalmente do inglês “*Behavioral Inhibition*” foi criado por Kagan, Reznick, Clarke, Snidman & Garcia-Coll (1984), para descrever um padrão de comportamentos e de respostas emocionais da criança, relativamente consistentes, apresentado diante de pessoas, situações, lugares e objetos novos ou pouco familiares. Em respostas a essas condições, a criança pode mostrar-se cautelosa, retraída e/ou vigilante, e se afastar ou evitar se aproximar de situações ou objetos desconhecidos. Essa é usualmente acanhada e calada na presença de pessoas que não conhece ou que lhe sejam pouco familiares (Garcia-Coll, Kagan & Reznick, 1984; Kagan, Reznick & Gibbons, 1989; Kagan, Reznick & Snidman, 1988b).

A definição de inibição comportamental proposta por Kagan e coautores (1984), teve por base dados obtidos por aplicação de questionários (e.g., relato parental) e pela descrição de comportamentos por meio de observações diretas. Mediante estudos longitudinais, foi possível analisar a expressão comportamental da inibição, a forma como ocorre em diferentes contextos e seu grau moderado de continuidade (Kagan, Reznick, Snidman, Gibbons & Johnson, 1988b). Os pesquisadores observaram crianças em situações programadas que envolviam encontro com um examinador desconhecido, encontro com brinquedos desconhecidos, interação com mulher desconhecida, exposição a um robô grande e de aparência estranha, separação temporária da mãe, sons pouco familiares, atividades com crianças da mesma idade (pares), entre outras. Em tais observações os sinais de inibição encontrados incluíram longas latências para interagir com pares e adultos desconhecidos, retraimento frente a uma pessoa ou objeto desconhecido, interrupção de brincadeiras ou

vocalizações, agarrar-se à mãe, agitar-se ou chorar (Garcia-Coll, Kagan & Reznick, 1984; Kagan et al., 1984).

Além de descrever a reação da criança diante das situações programadas com pessoas e objetos desconhecidos, Kagan et al. (1984) propuseram também uma explicação neurofisiológica para a inibição comportamental. Para os autores a inibição seria considerada, em parte, resultado da hiperatividade do sistema nervoso simpático, que parece associar-se a um limiar baixo de excitabilidade na amígdala, produzindo respostas de medo à novidade ou ao desconhecido (Kagan, Reznick & Snidman, 1987; Kagan, Reznick, & Snidman, 1988a; Kagan & Snidman, 1991; DiLalla, Kagan & Reznick, 1994; Fox, Henderson, Marshall, Nichols & Ghera, 2005). Crianças consideradas inibidas, quando comparadas às desinibidas, diferiram na magnitude da aceleração cardíaca, dilatação pupilar, tensão nos músculos esqueléticos, e aumento da pressão arterial (Kagan, Snidman, & Arcus, 1993). Essas pesquisas foram muito bem recebidas na época e ajudaram a criar uma interseção entre biologia e comportamento inibido no estudo do desenvolvimento humano (Fox et al., 2005).

Contudo, além das influências genéticas e biológicas existe a influência do ambiente sobre o comportamento do indivíduo inibido (ou desinibido) desde o seu nascimento (Kagan, Reznick & Snidman, 1988a). Esses também compreendem que a inibição comportamental irá se desenvolver e se manter como um perfil inibido apenas sob condições ambientais específicas como mudanças contextuais na vida da criança e comportamentos dos pais ou cuidadores além de destacarem processos cognitivos de atenção e de controle inibitório (Kagan & Snidman, 1991; Degnan & Fox, 2007).

Ainda, a inibição comportamental está entre as diferenças individuais mais estáveis na literatura de desenvolvimento da personalidade, com continuidades encontradas ao longo da primeira infância (0-5 anos), infância média (6-12 anos) e idade adulta. Apesar desse grau relativamente alto de continuidade nas amostras estudadas, análises de diferenças individuais

em padrões de comportamento ao longo do tempo revelaram que muitas crianças apresentavam padrões marcadamente alterados de comportamento ao longo da infância (Calkins, Fox & Marshall, 1996; Fox et al., 1995; Kagan & Snidman, 1991; Kagan, Snidman, & Arcus, 1993). Assim, compreender esses padrões de estabilidade e de mudança tornou-se um foco essencial da pesquisa sobre este fenômeno, sobretudo para a prevenção do desenvolvimento de psicopatologias na infância e na idade adulta, tanto para os indivíduos categorizados como inibidos quanto desinibidos (Kagan & Snidman 1991; Schwartz, Wright, Shin, Kagan & Rauch, 2003; Fox et al., 2005).

A inibição comportamental pode ser um preditor direto de transtornos de ansiedade como fobia social e mutismo seletivo, pois muitas características de inibição estão associadas a padrões de comportamentos descritos em transtornos de ansiedade (Degnan & Fox, 2007; Gensthaler et. al, 2016). De acordo com o DSM-V os transtornos de ansiedade incluem características de medo (resposta emocional a ameaça percebida) e ansiedade (resposta emocional de antecipação de ameaça futura) excessivos ou que se mantêm além de períodos apropriados ao nível de desenvolvimento. Ainda segundo o DSM-V, muitos dos transtornos de ansiedade são desenvolvidos durante a infância e tendem a persistir se não forem tratados.

Como mencionado, os estudos de Kagan e coautores (1984, 1987, 1988 ab, 1989, 1991, 1993) se focaram nas características físicas e sociais da situação antecedente e na diferenciação e variabilidade das respostas. Essas são consideradas tão importantes quanto as demais contingências a serem descritas, contudo, uma análise isolada da eficácia relativa de um estímulo, ou da sensibilidade do organismo maior ou menor para emissão de diferentes respostas e sua topografia, é uma análise diferente de como os estímulos e as respostas interagem para a Análise do Comportamento.

A Análise do Comportamento considera a susceptibilidade do organismo ao reforçamento por certos tipos de conseqüências às respostas emitidas e sua relação a um

conjunto de comportamentos menos especificamente relacionados aos estímulos eliciadores ou liberadores do ambiente (Skinner, 2007/1981). A partir dessa relação, respostas operantes são modeladas por reforçamento positivo, de modo diferencial. Assim, respostas com topografias ligeiramente diferentes são eliciadas por meio de aproximações sucessivas, até que a resposta desejada seja selecionada. Tais reforços são os chamados “reforços diferenciais”, nos quais os estímulos presentes reforçam determinadas variações do comportamento, e as outras não (Skinner, 2003/1953), quando a variação é considerada o que é aprendido, a maioria das respostas operantes podem ser emitidas na ausência do que é considerado um estímulo relevante, e nesse caso, a resposta tende a aparecer antes que o estímulo seja apresentado (Skinner, 2005/1950). Caso as contingências sejam modificadas, também haverá diferenciação na topografia das respostas aprendidas (Skinner, 2003/1953).

O organismo comporta-se de determinada maneira, tanto em função de ser membro de uma dada espécie, dotado de influências biológicas, como em função de viver em um mundo em que certas contingências de reforçamento prevalecem (Skinner, 1984), e por isso se faz necessário o entendimento não apenas da eficácia relativa de um estímulo, da facilidade, ou de emissão de diferentes respostas, mas também dos modos de atuação dos estímulos e das respostas (Matos, 1983).

Em virtude disso, Barros (2016) abordou o fenômeno da inibição comportamental, tendo como base os trabalhos realizados por Kagan e seus coautores, sob a perspectiva da Análise do Comportamento. Pelo estudo de Barros (2016) foram analisados 11 artigos de pesquisas empíricas sobre inibição comportamental como um traço de temperamento, publicados entre 1984 e 2008. Dessa amostra, foram extraídos trechos que se referiam às classes de estímulos antecedentes, às classes de respostas denominadas de “inibidas” e aos estímulos consequentes.

Constatou-se que as classes de estímulos antecedentes se constituíram de estímulos novos e desconhecidos para a criança, demandas de interação e situações de separação da mãe. Nessas classes, foram identificadas três categorias a saber: estímulo novo e desconhecido; demanda de interação; e separação da mãe. As classes de respostas foram caracterizadas por esquiva e baixa frequência de respostas, além da presença de respondentes. Essas classes de respostas foram separadas em nove categorias: fugir do contexto novo e desconhecido; diminuir a frequência de respostas; evitar interação; delongar para iniciar uma ação; manter-se próximo à mãe; interromper uma ação; apresentar respostas emocionais; apresentar reações fisiológicas relacionadas a estresse ou ansiedade; e respostas de alerta.

Por fim, as classes de estímulos consequentes possuíam características não punitivas e foram separadas em duas categorias: atenção da mãe e interação não punitiva com estímulo novo e desconhecido. Barros (2016) concluiu que embora a Análise do Comportamento e as pesquisas realizadas por Kagan e coautores façam uso de métodos empíricos e de indução, há diferenças quanto aos procedimentos de coleta e mensuração do fenômeno observado e na análise e interpretação de dados. No entanto, considera-se que as informações acerca do tema são passíveis de serem reinterpretadas pela perspectiva comportamental e os dados obtidos nas pesquisas podem ser complementados por novos arranjos de observação e de análise.

Assim, por meio do presente estudo, objetiva-se analisar relatos dos cuidadores sobre os comportamentos inibidos de suas crianças quando expostas a ambientes sociais (pares ou adultos) ou não sociais (objetos, sons ou animais) que são desconhecidos, estranhos ou pouco familiares, em termos de classes de estímulos antecedentes, classe de respostas das crianças e classe de estímulos consequentes. Mais especificamente em relação a esta última, ou seja, identificar como os cuidadores consequenciam o comportamento inibido das crianças, pois ao analisar o comportamento de uma criança, o responsável por ela¹ pode ser considerado um

¹ Bijou e Baer (1976) especificam o termo mãe, mas no contexto do trabalho seria adequado tratar como “responsável” pois o cuidador poderia ter outra figura, como avós, tios e pai.

estímulo discriminativo que fortalece a conduta operante, adquirindo, assim, função reforçadora formando as bases para o desenvolvimento social futuro (Bijou & Baer, 1976).

O relato dos cuidadores foi escolhido como fonte de dados em função de eles conseguirem sumarizar os comportamentos de suas crianças em diferentes contextos, além de complementar as informações que não são avaliadas pelos instrumentos padronizados. Há pesquisadores comportamentais que consideram os cuidadores como fontes não confiáveis nas descrições sobre o desenvolvimento e o comportamento de seus filhos, pelo fato de estarem mais propensos a relatar suas próprias dificuldades do que a realidade vivenciada por suas crianças. No entanto, a credibilidade entre o que as pessoas contam sobre si e sobre seus filhos pode ser estranha ao cientista do comportamento acadêmico, mas é uma importante fonte de informação para o diagnóstico clínico e não devem ser desconsiderados (Carey, 1982).

Existem evidências de que quando as perguntas são feitas de uma maneira apropriada aos pais, é possível obter dados de validade, pois são eles que convivem com as crianças no dia a dia, além disso, acredita-se que são a principal fonte de informação sobre as queixas de uma criança no contexto clínico (Carey, 1982). O relato de pais e a observação dos comportamentos cuidador-criança são descritos como fonte de dados nas pesquisas sobre inibição comportamental por Garcia-Coll, Kagan & Reznick (1984) e Bishop, Spence & McDonald (2003). Nestes estudos, os pesquisadores observaram interações mães-crianças em situações programadas e descrevem a presença de consistência moderada no relato dos pais sobre o comportamento inibido de suas crianças.

Este estudo dará continuidade à pesquisa de Barros (2016), o qual constatou nas pesquisas de Kagan e coautores que não houve descrição dos eventos consequentes aos comportamentos inibidos emitidos pelas crianças, e que o comportamento dos cuidadores após a emissão do comportamento das crianças não foi objeto de interesse dos pesquisadores.

Apenas encontrou-se descrições de que mães eram orientadas a atender imediatamente, de forma não punitiva sua criança caso ela chorasse e não houve registro dessa interação. Portanto, uma análise funcional da relação entre os eventos antecedentes, comportamento-alvo da criança e eventos consequentes e contingentes a esse não pôde ser conduzida. Assim, mediante a descrição desses três termos será possível contribuir para identificar quais comportamentos do cuidador podem ser responsáveis pela manutenção dos comportamentos inibidos das crianças.

Método

Participantes

Quatro mães de crianças entre três anos e um mês e quatro anos e dois meses de idade, casadas, na faixa etária de 33 a 44 anos; uma com ensino médio completo e três com ensino superior completo; somente uma das mães exercia trabalho extradomiciliar.

Para participarem da pesquisa, as mães deveriam apresentar repertório de leitura e de escrita (alfabetização) e sua criança deveria atender aos seguintes critérios de inclusão: (1) estar na faixa etária entre três anos e quatro anos e seis meses de idade, uma vez que se a criança apontasse *déficits* cognitivos ou intelectuais esses já poderiam ter sido identificados; (2) apresentar comportamento inibido de acordo com o relato dos residentes da Clínica Escola de Odontologia Infantil de uma universidade pública do estado do Paraná; (3) apresentar escore acima de 50% em pelo menos três dos seis contextos abordados pelo Questionário de Inibição Comportamental (*Behavioral Inhibition Questionnaire- BIQ*); (4) ser avaliada como clínica ou limítrofe para o perfil Internalizante, por meio do Inventário de Comportamentos para Crianças (*Child Behavior Checklist - CBCL*) 1½-5 pelos cuidadores; e (5) nunca ter sido diagnosticada com *déficits* cognitivos ou intelectuais por um profissional da área. O presente

trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética com número CAAE 66626217.9.0000.5231 (Anexo 1).

No quadro 1 apresenta-se as características das díades que participaram da pesquisa.

Quadro 1: Caracterização das díades

C1 Idade: 3 anos e 7 meses Sexo: feminino Possui uma irmã de 6 anos de idade Não frequenta escola	M1 Idade: 37 anos Escolaridade: Ensino médio completo Exerce atividades domiciliares integralmente Critério Brasil: C1
C2 Idade: 3 anos e 5 meses Sexo: feminino Possui uma irmã de 1 ano de idade Frequenta escola há 8 meses	M2 Idade: 33 anos Escolaridade: Ensino Superior completo Exerce atividades domiciliares integralmente Critério Brasil: A
C3 Idade: 3 anos e 1 mês Sexo: feminino Não possui irmãos Frequenta escola há 7 meses	M3 Idade: 34 anos Escolaridade: Ensino Superior completo Exerce atividades profissionais em seu domicílio. Critério Brasil: A
C4 Idade: 4 anos e 2 meses Sexo: feminino Possui uma irmã de 6 anos de idade Frequenta escola há 3 anos e 4 meses	M4 Idade: 44 anos Escolaridade: Ensino Superior completo Exerce atividades profissionais externas no período da tarde e início da noite. Critério Brasil: B1

Uma das mães optou por comparecer à Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e foi recebida em uma sala de atendimento individual. As outras três mães optaram por receber a pesquisadora em suas respectivas casas.

Materiais e equipamentos

Os materiais utilizados nesta pesquisa foram: Folhas de aplicação do Critério Brasil; do BIQ; do CBCL; e do roteiro de entrevista; canetas e gravador de voz digital. Para análise dos dados foram utilizados programas da *Microsoft (Excel, Word, Windows Media Player)*; o

Software Assessment Data Manager (ADM) que é um sistema de correção para o CBCL; e protocolos de correção para o Critério Brasil e para o BIQ.

Instrumentos

Como instrumento de análise, utilizou-se:

Roteiro de Identificação de Comportamentos Inibidos (Apêndice 1): roteiro elaborado pela pesquisadora, para auxiliar os residentes de odontologia a identificar crianças com possíveis comportamentos inibidos atendidas na clínica escola. O roteiro apresenta uma breve definição do perfil inibido, e exemplos de comportamentos emitidos no dia a dia por crianças com esse perfil.

Critério Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2016) (Anexo 2): é um critério de classificação socioeconômica que define classes do trabalhador brasileiro segmentadas por poder aquisitivo. Ele é composto por 12 itens que avaliam o conforto da família (bens de consumo duráveis, quantidades de banheiros e número de empregadas mensalistas na casa), um item que avalia se há rede de distribuição de água outro, se há pavimentação na rua e um último item que avalia o grau de instrução do chefe da família. Esta medida é estratificada em cinco classes, sendo elas: A (subdividida em A1 e A2), B (também subdividida em B1 e B2), C, D e E. O critério Brasil foi utilizado apenas a fim de caracterizar as famílias participantes.

Questionário de Inibição Comportamental (*Behavioural Inhibition Questionnaire* – BIQ; Bishop, Spence e McDonald C., 2003) - (Anexo 3): refere-se a uma escala de avaliação elaborada para pais ou cuidadores indicarem características temperamentais quanto à timidez, ao medo e ao isolamento de crianças pré-escolares e jovens. É composto por 30 itens que avaliam o comportamento de crianças em seis contextos a saber: contextos com adultos

desconhecidos (quatro itens), pares (seis itens), situações de desempenho (quatro itens), contextos de separação e pré-escola (quatro itens), situações estranhas em geral (oito itens) e desafios físicos com baixo risco de se machucar (quatro itens).

Os itens estão dispostos de forma aleatória e para evitar respostas enviesadas; seis dos itens são apresentados de forma afirmativa (por exemplo: "Aproxima-se alegremente de novas situações ou atividades") e 14 são apresentados de forma negativa (por exemplo: "Enfrenta novas situações de forma muito desconfiada"). Como não há uma versão traduzida e validada do questionário para a população brasileira, a pesquisadora e um profissional com conhecimento em língua inglesa, realizaram, de maneira independente, a tradução do questionário. As palavras ou frases que foram traduzidas de forma divergente foram analisadas e a partir de então originada a versão do instrumento utilizada para a coleta de dados neste estudo.

Inventário de Comportamentos para Crianças (*Child Behavior Checklist for ages 1½-5* – *CBCL*; Achenbach & Rescorla, 2000): inventário elaborado para avaliação de comportamentos, problemas emocionais e sociais de crianças, por meio da percepção parental. A versão CBCL 1½-5 é direcionada para crianças entre um ano e meio e cinco anos de idade; compreende 99 itens fechados, que devem ser avaliados como: não verdadeiro; um pouco verdadeiro; ou muito verdadeiro. Cada item tem pontuações que variam de 0-1-2 nos aspectos específicos (comportamento, emoção e funcionamento social). Para avaliar os itens, os respondentes devem comparar os comportamentos da criança aos de outras da mesma idade, nos últimos dois meses, em situações que incluem atividades como: brincadeiras, jogos e tarefa; participação em grupos; relacionamento com familiares e amigos; e independência para brincar. Para análise dos dados os itens de avaliação das síndromes são agrupados em: 1) Reatividade Emocional; 2) Ansiedade/Depressão; 3) Queixas Somáticas; 4) Isolamento; 5) Problemas de Sono; 6) Problemas de Atenção; e 7) Comportamento Agressivo.

A soma dos quatro primeiros grupos refere-se aos aspectos Internalizantes e os três últimos referem-se a aspectos Externalizantes. Sendo assim, quanto maior for o escore, maior o grau de comportamentos de Externalização e/ou Internalização e o Total de Problemas. O CBCL também apresenta o perfil das escalas orientadas pelo DSM, que estão agrupados em: 1) Problemas Afetivos; 2) Problemas de Ansiedade; 3) Problemas Somáticos; 4) Déficit de Atenção/Problemas de Hiperatividade; e 5) Problemas de Oposição e Desafio. A versão utilizada no estudo foi traduzida por Linhares, Meneghel, Silvares & Rocha (2010). O instrumento foi utilizado para relatar possíveis problemas de comportamento que podem integrar comportamentos característicos da inibição comportamental.

Roteiro de entrevista para cuidadores (Apêndice 2): roteiro de entrevista semiestruturado elaborado pela pesquisadora para identificar os comportamentos da criança diante de estímulos do ambiente social ou não social, desconhecidos, estranhos ou pouco familiares à criança e que antecedem o comportamento considerado inibido, e como o cuidador os consequencia.

As perguntas foram desenvolvidas tendo por base os contextos descritos nos experimentos realizados por Kagan e coautores (1984; 1989), nas classes de eventos antecedentes organizadas por Barros (2016), bem como nas questões apresentadas pelo BIQ. Algumas das questões abordam mais de um contexto ao mesmo tempo, e cada uma delas é seguida de alternativas que expõem possíveis comportamentos, apresentados pela criança, para serem assinaladas pelo participante. Há também um espaço destinado para que sejam descritos outros comportamentos da criança, caso não estejam entre os que foram citados nas alternativas e, ao final de cada questão, foram feitas perguntas abertas para que as mães contassem a respeito de situações parecidas pelas quais já passaram, ressaltando como elas se comportaram em relação à criança (e.g. Já houve alguma situação parecida pela qual vocês

passaram? Têm alguma história relacionada a isso que você se recorde? O que você costuma fazer quando ela se comporta dessa forma?).

Procedimento

A Clínica Escola de Odontologia Infantil da UEL (Bebê Clínica) foi escolhida para seleção dos participantes deste estudo em função de ser considerado um ambiente estranho ou pouco conhecido para as crianças, e também, por elas serem atendidas por adultos que não fazem parte de seu convívio diário. Além disso, as mães constantemente são convidadas a participar de pesquisas desenvolvidas pelos alunos da universidade, e normalmente são receptivas em relação às pesquisas. Para iniciar o trabalho, a pesquisadora agendou um horário com o diretor da clínica para explicar o projeto de pesquisa e solicitar autorização para realizar a coleta de dados com as mães dos pacientes atendidos. Após a autorização ser concedida, a mesma agendou uma reunião com os residentes de odontologia para explicar-lhes o procedimento a ser realizado e entregar-lhes o Roteiro de Identificação de Comportamentos Inibidos. Solicitou-lhes que indicassem crianças na faixa etária entre três anos e quatro anos e meio e que apresentassem ao menos seis dos comportamentos listados no roteiro durante os atendimentos odontológicos. Após a indicação das crianças, a pesquisadora teve acesso aos seus prontuários odontológicos para buscar pelos contatos telefônicos.

Durante o contato inicial e a entrevista com as mães, a pesquisadora explicou as responsáveis, por telefone, que se tratava de um estudo de investigação sobre como as crianças reagem a situações estranhas ou pouco conhecidas e como os cuidadores lidam com elas nessas situações. A seguir, essas foram convidadas a participar de um encontro agendado em horários e locais conforme sua preferência. Aquelas que aceitaram participar da entrevista inicial assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 3), e na sequência, responderam ao Critério Brasil, ao BIQ e ao CBCL. Para aplicação do Critério Brasil e do BIQ, as questões foram lidas e assinaladas pela pesquisadora de acordo com o

relato das mães que acompanhavam a leitura por uma cópia das folhas de aplicação. Já para aplicação CBCL, as mães fizeram a leitura e assinalaram as respostas sozinhas, apenas recorrendo a pesquisadora em caso de dúvidas.

Conforme os critérios de inclusão, as mães que tiveram sua criança classificada como inibida pelo BIQ, em ao menos metade dos contextos descritos, e como limítrofe ou clínica, para Problemas de Comportamento Internalizante pelo CBCL, foram contatadas para um segundo encontro com a pesquisadora em que essas deveriam responder ao roteiro de entrevista semiestruturado. As entrevistas foram gravadas a partir de um gravador de voz digital, mediante a autorização das mães.

Análise de dados

As respostas das mães ao Critério Brasil foram pontuadas de acordo com o protocolo de correção e a somatória comparada e classificada a partir da amostra normativa. Em complemento, as respostas ao BIQ foram somadas e os valores agrupados de acordo com as instruções do protocolo de correção. Os escores referentes aos comportamentos das crianças nos seis contextos foram gerados, e a soma de todos eles compõe o valor do escore geral. Os escores de cada contexto e o escore geral podem ser comparados aos escores máximos indicados como referência pelo gabarito de correção.

Em relação ao CBCL, as respostas das mães foram agrupadas pelo *Software Assessment Data Manager* e gerado o escore total, o percentil, e o escore T para cada síndrome que compõe os aspectos Internalizantes e Externalizantes, e para os Problemas Orientados pelo DSM-IV. O escore T é um escore padronizado para todas as escalas que facilita a comparação dos resultados da criança com a amostra normativa, relacionando o escore total da criança ao percentil da amostra normativa. Ao que se refere às síndromes e aos Problemas Orientados pelo DSM-IV, escores ≥ 70 são considerados na faixa clínica, os escores entre 65 a 69 indicam a faixa limítrofe, ou seja, problemas que merecem atenção, mas

não a ponto de ser considerado clínico, ao passo que ≤ 64 são considerados dentro da faixa de normalidade. Sobre os Problemas de Comportamento Internalizante e Externalizante, escores entre 60 e 63 indicam a faixa limítrofe, ≥ 64 indicam a faixa clínica, enquanto ≤ 59 indicam a faixa normal.

Os relatos maternos registrados durante a entrevista conduzida, mediante o roteiro semiestruturado, foram transcritos na íntegra pela pesquisadora. Os contextos investigados pelas questões foram considerados como eventos antecedentes. Em seguida, o conteúdo dos trechos transcritos que se referiam aos comportamentos inibidos da criança nas situações indicadas, e como as mães reagiam a eles, foram extraídos e agrupados em classe de respostas, e classe de eventos consequentes, respectivamente, para posterior categorização. As categorias da classe de respostas foram adaptadas de Barros (2016), e de pesquisas realizadas por Kagan e coautores (Kagan et al. 1984; Kagan, Reznick & Gibbons, 1989). Tais categorias das classes de estímulos foram nomeadas de acordo com a descrição topográfica da resposta e agrupadas conforme sua semelhança.

Resultados

Os residentes da Clínica Escola de Odontologia Infantil da UEL encaminharam para a pesquisadora nove crianças (quatro do sexo masculino e cinco do sexo feminino). Os responsáveis pelas crianças, nesses casos as mães, foram contatadas e quatro delas aceitaram participar da pesquisa. Os resultados referentes à avaliação que fizeram dos comportamentos de seus filhos por meio do BIQ e CBCL estão descritos na sequência.

BIQ

No BIQ, foram considerados como escores elevados para o perfil Internalizante aqueles iguais ou acima da metade do valor dos escores de referência. As crianças que apresentaram os escores gerais mais elevados foram C1 e C2. A criança C1 apresentou escores elevados em cinco contextos, a saber: o de adultos desconhecidos, situações de desempenho, separação e pré-escola, situações novas em geral e situações de desafio físico. Já a criança C2 exibiu escores elevados em todos os contextos (adultos desconhecidos, pares, situações de desempenho, separação e pré-escola, situações estranhas em geral e em desafios físicos).

A criança C3 teve o menor escore total em relação às demais. Ela apresentou escores elevados em três contextos que foram: o de adultos desconhecidos, situações estranhas e desafios físicos. Por sua vez, C4 mostrou escore geral inferior aos de C1 e C2 e superior ao de C3. Os contextos com escores elevados apresentados por ela foram os de adultos desconhecidos, pares, situação de desempenho e situações estranhas em geral. Na Tabela 1 estão apresentados os escores de cada criança obtidos por meio do relato das mães na aplicação do BIQ.

Tabela 1. Escores apresentados no Questionário de Inibição Comportamental (BIQ).

	M1-C1	M2-C2	M3-C3	M4-C4	REFERÊNCIA
Contextos					
Adultos desconhecidos	23	20	16	17	28
Pares	20	31	15	24	42
Situações de desempenho	21	17	10	15	28
Separação e pré-escola	23	24	11	7	28
Situações estranhas em geral	32	41	28	31	56
Desafios físicos	14	21	15	10	28
Escore Total	133	154	95	104	210

CBCL

No CBCL, a criança C1 apresentou perfil normal para todas as síndromes e perfil Internalizante limítrofe (T= 60). A criança C2 apresentou perfil clínico para a síndrome Queixas Somáticas (T=72), normal para o restante das síndromes e perfil Internalizante clínico (T=64). A criança C3 apresentou perfil limítrofe para as síndromes Queixas Somáticas (T=65) e Isolamento (T=67); para as demais síndromes identificou-se perfil normal e perfil Internalizante clínico (T= 65). Quanto à avaliação da criança C4, essa apresentou perfil limítrofe para as síndromes Reatividade Emocional (T=69), Ansiedade/Depressão (T=66) e Isolamento (T=67), perfil normal para as demais síndromes e perfil Internalizante clínico (T= 67).

Ainda ao que se refere aos problemas de comportamento, as quatro crianças apresentaram perfil Externalizante normal. Quanto aos Problemas Orientados pelo DSM-IV, as quatro crianças apresentaram Problemas de Desenvolvimento limítrofe (C1 T= 66; C2, T=66, C3 T=68 e C4 T=66), e os demais problemas dentro da faixa de normalidade.

Na Tabela 2 estão apresentadas as informações das escalas de síndromes comportamentais e emocionais e de funcionamento social. Além disso, estão expostos os Problemas de Comportamento Internalizantes e Externalizantes, e os Problemas Orientados pelo DSM – IV.

Tabela 2. Dados da escala referentes ao Inventário de Comportamentos para Crianças e Adolescentes (CBCL).

ESCALAS DE SÍNDROMES	C1	C2	C3	C4
Reatividade Emocional	Normal	Normal	Normal	Limítrofe
Ansiedade/Depressão	Normal	Normal	Normal	Limítrofe
Queixas Somáticas	Normal	Clínico	Limítrofe	Normal
Isolamento	Normal	Normal	Limítrofe	Limítrofe
Problemas de Sono	Normal	Normal	Normal	Normal
Problemas de Atenção	Normal	Normal	Normal	Normal
Comportamento Agressivo	Normal	Normal	Normal	Normal
PROBLEMAS DE	C1	C2	C3	C4

COMPORTAMENTO				
Problemas Internalizantes	Limítrofe	Clínico	Clínico	Clínico
Problemas Externalizantes	Normal	Normal	Normal	Normal
PROBLEMAS ORIENTADOS PELO DSM				
	C1	C2	C3	C4
Problemas Afetivos	Normal	Normal	Normal	Normal
Problemas de Ansiedade	Normal	Normal	Normal	Normal
Problemas Invasivos de Desenvolvimento	Limítrofe	Limítrofe	Limítrofe	Limítrofe
Déficit de Atenção/ Problemas de Hiperatividade	Normal	Normal	Normal	Normal
Problemas de Oposição e Desafio	Normal	Normal	Normal	Normal

Categorias das entrevistas

Ao participarem da entrevista, as mães descreveram os comportamentos de suas crianças nas situações questionadas, como elas costumam reagir em tais situações, e compartilharam situações parecidas pelas quais já passaram.

Alguns recortes das descrições dessas situações foram organizados em categorias, a saber:

Classes de estímulos antecedentes: esta categoria diz respeito aos aspectos do ambiente social (pares ou adultos) ou não social (objetos, sons ou animais) que são desconhecidos, estranhos ou pouco familiares à criança e que antecedem o comportamento considerado inibido. São exemplos dessa classe: visitar a casa ou receber visita de um adulto desconhecido e/ou criança desconhecida; deparar-se com um grupo de crianças desconhecidas da mesma idade brincando; deparar-se com animais que não costuma ter contato em seu dia a dia; ouvir sons altos repentinos e inesperados.

Classe de respostas: entendida como comportamentos da criança apresentados diante dos aspectos do ambiente social ou físico, descritos em termos de características topográficas da resposta. Esses foram agrupados em quatro subcategorias, a seguir:

1. Manter-se próximo à mãe: a criança busca proximidade da mãe (e.g., olhar em direção à, andar ou correr em direção à ou ficar em contato físico com ela) mediante a apresentação de estímulo social (pares e adultos) ou não social (objetos, sons e animais) desconhecido, estranho ou pouco familiar para ela. Alguns exemplos de relatos de comportamentos dessa categoria são:

“[...] ela fica mais agarrada em mim.”; “[...] ela ficou assim meio perto de mim.”; “[...] ela chegou e ficou atrás de mim.”; “[...] ela já vai me chamando.”; “Normalmente ela entra no nosso colo a hora que chega no portão [...].”; “[...] ficou atrás das pernas.”; “[...] pede pra gente ficar perto.”; “[...] foi só até onde ela conseguia me ver.”; “[...] ela sempre fica ‘mamãe, olha eu aqui mamãe, olha eu aqui’[...].”; “Mamãe, mamãe, mamãe eu não estou te vendo [...].”; “Ela imediatamente se segura a mim.”; “[...] dá uma seguradinha na minha perna”.

2. Evitar interação: a criança foge ou se esquivava de interagir, fica relutante ou não responde à apresentação de estímulo social (pares e adultos) ou não social (objetos, sons e animais) desconhecido, estranho ou pouco familiar para ela. Como exemplos de relatos têm-se:

“[...] esconde o rosto.”; “[...] dá as costas às vezes.”; “Não permite que seja examinada pelo médico ou dentista”; Normalmente ela fala ‘não é meu amigo, não vou brincar eu não quero’(...) ‘mãe, não é meu amigo, tira ele daqui’”; “[...] ela já vira o rosto”; “[...]ela vai sempre nos mesmos brinquedos.”; “[...] ela não responde, ela fica quieta.”; “Às vezes a gente está na rua e passa uma moto um pouco mais barulhenta ela já coloca as mãos no ouvido, incomoda o barulho para ela.”; “[...] fica quietinha, não responde às perguntas da pessoa que tenta interagir com ela.”; “Não responde às perguntas do profissional”.

3. Delongar para iniciar uma ação: a criança inicia uma interação com o estímulo social (pares e adultos) ou não social (objetos, sons e animais) desconhecido, estranho ou pouco familiar para ela após uma latência (i.e. intervalo de tempo entre o início da apresentação de um estímulo e o início da apresentação de uma resposta). Entre os exemplos de relatos desta categoria destacam-se:

*“Às vezes ela fala, às vezes não.”; “[...] ela primeiro ela se agarra, depois ela aceita.”; “Ela fica um pouco assim, ressabiada, e observa os momentos [...].”; “Ela sente mesmo constrangimento em ficar cumprimentando e se soltar assim logo no início.”; “[...] depois passou um tempo e ela foi brincar.”; “Observa os brinquedos antes de se aproximar deles (...). Ela subiu num outro brinquedo também, rapidinho, mas só num degrau”; “[...] às vezes nem se interessa. (...) ela abriu, olhou, tirou e guardou (...) não teve interesse nenhum! (...) passa tipo três dias, ela começa a brincar com o brinquedo ou num outro dia, aqui em casa que não tem ninguém, daí ela vai brincar.”; “A não ser que a pessoa começa a brincar com ela, alguma coisa assim, aí ela interage.”; “[...] tem que falar para ela cumprimentar, responder, se não, ela não faz.”; “Ela fica observando um pouco, vai aproximando
lentamente.”; “Ela fica na dela, vai devagar, sentindo ambiente e depois vai se soltando.”; “Ela não se solta no momento que ela chega, né, ela vai conhecer o ambiente, sentir o ambiente. Imagino até que sentir como seus pais estão se comportando neste ambiente, para depois começar a se soltar, antes não.”.*

4. Apresentar respostas emocionais: a criança expressa um conjunto de alterações nas condições corporais que são eliciadas e/ou nas respostas abertas, na presença do estímulo social (pares e adultos) ou não social (objetos, sons e animais) desconhecido, estranho ou pouco familiar para ela. Exemplos de relatos são:

“[...] ela tem medo mesmo de ficar longe de mim.”; “[...] se a criança entra lá ela fica brava, faz cara feia.”; “[...] às vezes ela chora, às vezes grita”.

Classes de estímulos consequentes: foram destacados os relatos que faziam referência ao comportamento das mães, decorrentes da resposta apresentada pela criança, diante do estímulo social (pares e adultos) ou não social (objetos, sons e animais) desconhecido, estranho ou pouco familiar para ela abordados no roteiro de entrevista, a saber:

1. Descrever o comportamento esperado: a mãe descreve para a criança o comportamento que deve apresentar diante do estímulo social (pares e adultos) ou não social (objetos, sons e animais) desconhecido, estranho ou pouco familiar. São exemplos de relatos:

“[...] eu falo ‘fala oi filha’”; “Eu converso com ela (...) ‘então você senta aqui bonitinha’.”; “Pode brincar.”; “Sempre eu falei ‘filha, olha que lindo que a vovó está dando, para você usar, igual ao da mamãe’.”; “[...] ai filha, cumprimenta a tia (...) dá um beijo na tia.”; “Tem que brincar com as outras crianças.”; “Tento incentivar ‘não, mas não tem problema, é um amiguinho, tem que fazer amizade, pode ir, pode subir, não tem problema’.”; “quando ela fica receosa, a gente tenta incentivar ‘não, pode ir’.”; “[...] se eu falar para ela ‘filha, você pode responder’ ela vai lá e responde.”; “Filha, então fala oi (...) pode cumprimentar, filha, é uma vizinha.”; “Filha, cumprimenta as pessoas.”; “Pode falar oi, tudo bem, fala seu nome.”; “[...] sempre converso ‘olha, tem que fazer, tem que fazer’.”; “Vai brincar com a M., mostra seus brinquedos para ela [...]”; “Pode brincar”; “[...] oh, pode ir”; “Eu estimulo ela a responder a pergunta ‘pode falar’”.

2. Descrever características do ambiente: mãe descreve para a criança as características do estímulo social (pares e adultos) ou não social (objetos, sons e animais) desconhecido, estranho ou pouco familiar. Tem-se como exemplos:

“Se a pessoa é conhecida [para a mãe](...), explico quem é [...]”; “[...] essa é tal criança, é tal pessoa, então pode brincar, ela veio passar um tempo com você, pode

brincar.”; “[...] fui falando para ela do neném.”; “[...] eu falei “não oh, tal pessoa está ali, a tia tal.”; “Quando eu vou usar a batedeira ou o liquidificador, aí eu tenho que avisar ela [referindo-se ao barulho]”; “Falo para ela ‘a mamãe estava ali oh, você não viu a mamãe?’”; “[...] eu falo quem vai vir, tipo ‘oh, está vindo a filha de tal amiguinha da mamãe’”; “[...] não é todo mundo que a gente conhece”; “[...] no Aguativa tinha um lagarto (...) a gente apontava onde estava.”; “Filha, é o pai da B.”; “[...] a mamãe está aqui, não precisa ficar com medo”; “Olha esse é o amigo da mamãe.”; “A gente fala ‘olha chegou amiguinha’[...]”; “[...] veio aqui te visitar, mostra seus brinquedos para ela”]; “[...] daqui a pouquinho a gente vai embora e você não vai mais poder brincar”; “Olha, essa daqui é a M., amiga da mamãe, ela quer saber como você chama.”; “A mamãe fica aqui te esperando”.

3. Manter-se próxima à criança: mãe busca proximidade da criança (e.g., falar, olhar em direção à, andar em direção à ou ficar em contato físico com a criança, sinalizar com as mãos) diante do estímulo social (pares e adultos) ou não social (objetos, sons e animais) desconhecido, estranho ou pouco familiar. Alguns exemplos são:

“Mamãe está do seu lado”; “É necessário que eu esteja e incentive”; “Eu tenho que estar junto”; “Eu pego ela no colo para eu ligar [referindo-se ao liquidificador]”; “[...] eu já vou até ela na hora”; “Eu estou vendo você, pode ficar tranquila, vai brincar.”; “[...] eu conversei, entrei, cheguei perto da mesinha, aí logo ela sentou”; “Mamãe está aqui com você.”; “Eu estou aqui com você”; “A gente pega no colo.”; “Eu tenho que ir segurando na mão.”; “Eu já chamei, não deixei ela ficar nervosa.”; “[...] levanto a mão para ela me ver”; “Falei ‘filha mamãe está aqui’”; “Eu estou sempre de olho”; “A gente vai, leva, fica um pouquinho”.

Discussão

Os resultados obtidos, por meio das respostas dadas pelas mães no BIQ, mostraram que as crianças avaliadas apresentam escores de inibição comportamental, que variaram

conforme os contextos as quais eram expostas. Esse resultado corrobora os encontrados na literatura pertinente (Garcia-Coll, Kagan, & Reznick, 1984; Kagan, et al., 1984; Kagan, et al., 1988) e que, em virtude disso, concluíram que crianças podem exibir um perfil inibido em qualquer contexto, mas não necessariamente em todos. Por essa razão é importante identificá-los, a fim de conhecer os estímulos presentes no ambiente que controlam comportamentos inibidos da criança; se físicos ou sociais, ou ambos.

Contudo, deve-se considerar o organismo como um todo em interação a esses estímulos, e não apenas a ação desses sobre um órgão específico, por meio do qual se desenvolve o intercâmbio com o ambiente. Assim, não se trataria de uma reação sensorial simples, mas que dependeria de variáveis de condicionamento, motivação e emoção conforme destaca Skinner (1953/2003). Ainda, nem sempre é necessário especificar a natureza da estimulação (i.e. visual, auditiva, olfativa, tátil ou gustativa), mas sim, discutir funções de eliciação, discriminação e reforço do estímulo (Skinner 1953/2003). Por exemplo, uma vez que um comportamento é colocado sob o controle de um dado estímulo, outros estímulos que apresentem propriedades semelhantes poderão controlá-lo mediante um processo de indução ou generalização.

Neste contexto, o comportamento de inibição, apresentado em contextos diferentes e nos quais os estímulos podem ter propriedades semelhantes, poderia ser explicado, pelo menos em parte, por esse processo. O comportamento inibido mediante estímulos sociais dar-se-ia também pelos mesmos processos aqui destacados. Contudo, seria mais difícil identificar com precisão quais as dimensões físicas desses estímulos que controlam as respostas do indivíduo, devido à complexidade de padrões diferentes a serem testados (Skinner, 1953/2003).

Além disso, por variarem de momento a momento e ter instâncias contíguas, o controle do comportamento inibido seria mais deficiente quando comparado ao controle de

estímulos físicos, que possuem padrões menos invariáveis (Skinner, 1953/2003). Soma-se a isso que a depender da cultura e da história de vida do indivíduo nela inserido, esses padrões recebem certos tipos de reforço, os quais, no início do desenvolvimento, são mediados por outras pessoas, em especial por aqueles que são responsáveis pelos cuidados da criança, como mãe, pai, tios, avós e babás. No caso das crianças avaliadas, essa análise seria de fundamental importância, pois as mães enquanto mediadoras sociais, parecem reforçar padrões de comportamento de determinados estímulos sociais como ameaçadores e perigosos e que, por meio de um processo de generalização e discriminação, a criança os reconheça como tal, fugindo ou se esquivando desses.

De acordo com os relatos maternos, obtidos por meio da entrevista, quando a criança está em contato com adultos ou pares que lhe são desconhecidos, estranhos ou pouco familiares, ela procura manter-se próxima à mãe, evitando interação, delonga para iniciar uma ação e apresenta respostas emocionais mais intensas. As mães, por sua vez, reforçam esses comportamentos inibidos da criança, dando-lhes atenção ao descreverem o ambiente e/ou como devem se comportar e/ou mantendo-se próximas a elas.

Assim, além de terem a função de estímulo discriminativo, as mães têm uma função especial que é a de consequenciar os comportamentos de sua criança, tornando-se parte importante no processo aprendizagem operante, constituindo-se também como base segura no desenvolvimento emocional e social da criança. Dessa forma, os variados estilos com que cada mãe atende seus filhos equivalerão às diferentes classes de atenção que se mostrarão reforçadoras a eles (Bijou & Baer, 1976).

Muitas vezes há pouco que a mãe possa fazer para eliminar estímulos que são aversivos para a criança, mas ela poderá consolá-la na tentativa de reduzir a intensidade do dano (Bijou & Baer, 1976). Confortar ou proteger física e emocionalmente a criança em

determinados momentos não é um problema, e é esperado que elas o façam, no entanto, apresentar essas conseqüências aos comportamentos inibidos poderá ser um problema.

Descrever o ambiente, dizer o que a criança deve fazer ou falar e na presença de quais pessoas; acalmá-la quando se assusta diante de sons altos e repentinos; e possibilitar que fuja ou se esquive de situações físicas ou sociais novas, ou pouco familiares que lhe são aversivas, pode fazer com que as mães acreditem que estão agindo adequadamente, de acordo com o que é previsto pela cultura que as reforçam positivamente por assim se comportarem. No entanto, ao conseqüenciar os comportamentos inibidos com atenção e compreensão, as mães não estariam ensinando às crianças comportamentos alternativos mais eficazes de enfrentamento, mas aumentando a probabilidade de torná-las inseguras, retraídas, vigilantes, caladas e dependentes emocional e socialmente de sua presença e aprovação no futuro, quando estiverem em situações semelhantes.

A partir das descrições verbais obtidas na entrevista com as mães, foi possível encontrar exemplos de comportamentos que indicam que isso já estaria acontecendo, sobretudo em interações de desafios físicos (C1, C2 e C3), situações de desempenho (C1, C2 e C4) e situações com adultos desconhecido (C1, C2, C3 e C4). Na categoria manter-se próximo à mãe há a descrição “ficou atrás das pernas” (e.g. ao chegar a um evento com pessoas pouco conhecidas); na categoria evitar interação “fica quietinha, não responde às perguntas da pessoa que tenta interagir com ela”; na categoria delongar para iniciar uma ação “ela sente mesmo constrangimento em ficar cumprimentando e se soltar logo de início”, por fim, na categoria denominada apresentar respostas emocionais: “se a criança entra lá ela fica brava, faz cara feia” (e.g. quando está no parque de diversão).

Observam-se, portanto, na inibição comportamental alguns comportamentos característicos de transtorno da personalidade evitativa, personalidade dependente e personalidade antissocial (APA, 2013). Esses foram selecionados com atenção, que é um

importante reforçador social generalizado, mediado especialmente pelas mães. Quando elas dizem “não, eu explico para ela”, “eu fico aqui”, “eu falo para ela” a atenção é dada para uma resposta antecedente, que é a de se esconder atrás da mãe, selecionando-a. Assim, tem-se aqui um processo de aprendizagem de aquisição e manutenção de um repertório operante que irá ser classificado culturalmente como patológico.

Essa análise parece encontrar respaldo nos resultados obtidos pelas respostas dadas pelas mães ao CBCL. Esses mostraram que as crianças avaliadas apresentaram perfil limítrofe para Problemas Invasivos do Desenvolvimento sem outra especificação que, de acordo com o DSM IV, é uma categoria do Transtorno Global do Desenvolvimento e atualmente, pelo DSM V, é denominado como Transtorno do Espectro Autista. Esse transtorno se caracteriza pela presença de prejuízos significativos na área da comunicação, na interação social e âmbito de atividade e padrões de comportamento repetitivos e estereotipados. Nas alterações trazidas pelo DSM V, além de mudar a denominação Transtorno Global do Desenvolvimento para Transtorno do Espectro Autista, sua classificação passa a ser baseada em níveis de gravidade. O Nível 1 é caracterizado pela capacidade de falar com interação social reduzida, Nível 2 é marcado por fala e interação social mínimas e Nível 3 caracterizado por ausência total de fala e nenhuma interação social (Kaplan & Sadock, 2017).

Alguns dos comportamentos descritos pelo DSM IV, para Problemas Invasivos do Desenvolvimento ou pelo DSM V para Transtorno do Espectro Autista, se assemelham aos comportamentos em interações sociais descritos como inibidos por Kagan e coautores (1984; 1987), no entanto, esses são emitidos especificamente em contextos de interação com estímulos físicos e/ou sociais desconhecidos (Garcia-Coll, Kagan & Reznick, 1984; Kagan, Reznick, e Gibbons, 1989; Kagan, Reznick, & Snidman, 1988), diferentemente de crianças com o Transtorno do Espectro Autista, que segundo o DSM V, apresentam déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos.

Além das análises que foram conduzidas em nível ontogenético e cultural para a inibição comportamental, é igualmente importante considerar as sensibilidades do organismo a certas formas de estimulação física e social, e que podem variar individualmente desde a sua concepção do organismo. Estudos mostraram que crianças consideradas inibidas apresentam maior magnitude de aceleração cardíaca, pupilas mais dilatadas, maior tensão muscular e aumento de pressão arterial, em relação às desinibidas (DiLalla, Kagan & Reznick, 1994; Kagan, Reznick & Snidman, 1987; Kagan, Reznick & Snidman, 1988; Kagan, Snidman & Arcus, 1993). Diferentes personalidades podem emergir de um temperamento muito reativo o qual impõe certa limitação em questão de efeitos ou resultados que serão observados ao longo da ontogênese (Kagan & Snidman, 2004). Pelos dados do CBCL, com exceção de C1, as demais crianças apresentaram escore clínico ou limítrofe para pelo menos uma síndrome (i.e. Reatividade Emocional, Ansiedade/Depressão, Queixa Somática e Isolamento), e todas apresentaram escore limítrofe para Problemas de Comportamento Internalizante.

Considerações Finais

As crianças da amostra deste estudo apresentaram perfil limítrofe para um dos Problemas Orientados pelo DSM, o que pode ser um indicador de que há alterações de comportamentos considerando a amostra normativa, e que essas alterações precisam ser melhores investigadas e acompanhadas a fim de prevenir problemas futuros.

Embora os instrumentos que auxiliaram na identificação do perfil inibido das crianças participantes tenham apontado informações importantes sobre o perfil de inibição comportamental, é possível que se eles tivessem sido aplicados sem a prévia indicação dos residentes de odontologia, os resultados não teriam sido tão eficazes para seleção das crianças, como foram a partir das indicações feitas por aqueles profissionais.

Por meio da entrevista semiestruturada também foi possível obter informações acerca dos comportamentos da criança em diferentes contextos, embora elas tenham sido

descritas com maior detalhamento do que as informações obtidas pelos instrumentos inicialmente aplicados. E assim, como já identificado pelo BIQ, as respostas inibidas das crianças relatadas variaram em topografia de contexto para contexto.

Ao organizar os relatos das entrevistas semiestruturadas em classe de respostas e classe de eventos consequentes, observou-se que os comportamentos descritos pelas mães participantes foram semelhantes aos das observações de Kagan e coautores (1984; 1988ab), e por isso, possibilitou a organização em categorias análogas a metodologia do estudo de Barros (2016).

Como mencionado anteriormente, as classes de respostas organizadas por Barros (2016) foram: fugir do contexto novo e desconhecido; diminuir a frequência de respostas; evitar interação; delongar para iniciar uma ação; manter-se próximo à mãe; interromper uma ação; apresentar respostas emocionais; apresentar reações fisiológicas relacionadas a estresse ou ansiedade; e respostas de alerta. No presente estudo, as categorias encontradas foram: manter-se próximo à mãe; evitar interação; delongar para iniciar uma ação; e apresentar respostas emocionais. A categoria “fugir do contexto novo” foi agrupada à categoria “evitar interação”, e nela considerados comportamentos de fuga e esquiva de interação do estímulo novo ou pouco conhecido.

Comportamentos relacionados às demais categorias (diminuir frequência de respostas, interromper uma ação, apresentar respostas emocionais, apresentar reações fisiológicas relacionadas a estresse ou ansiedade e respostas de alerta) não foram identificados nos relatos das mães. Isso pode ter ocorrido pelas mães não terem sido treinadas para observar e descrever os comportamentos de suas crianças, ou pelas perguntas da entrevista não terem sido capazes de abordar relatos que detalhassem esses aspectos. Provavelmente uma situação de observação direta, com o auxílio de instrumentos de medida, comportamentos relacionados a essas categorias poderiam ter sido constatados.

Estudos longitudinais apontam que crianças inibidas exibem continuidade em seu padrão distinto de respostas a estímulos sociais e não sociais desconhecidos. Porém, variações nas trajetórias de desenvolvimento de crianças, classificadas como inibidas, podem influenciar em diferentes caminhos de desenvolvimento, e com isso, fatores contextuais e processos cognitivos podem mediar a expressão da desinibição comportamental (Fox et al., 2005). Em estudos futuros sugere-se comparar o relato de mães de crianças categorizadas como inibidas com o relato de mães de crianças categorizadas como desinibidas, além de incluir sessões de observação direta.

Referências

- Associação Nacional de Empresas de Pesquisa. (2016). *Critérios de Classificação Econômica Brasil*. Recuperado de <http://www.abep.org/criterio-brasil>
- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2000). *Manual for the ASEBA preschool forms & profiles: An integrated system of multi-informant assessment; Child behavior checklist for ages 1 1/2-5; Language development survey; Caregiver-teacher report form*. Burlington, VT: University of Vermont.
- American Psychiatry Association. (1994). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders- DSM – 4* [Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-4] (4ª.ed). Washington, DC: American Psychiatric Press
- American Psychiatry Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM-5* [Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5] (5ª ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Association.
- Banaco, R. A., Vermes, J. S., Zamignani, D. R., Martone, R. C., & Kovac, R. (2012). Personalidade. In M. M. C. Hübner, & M. B. Moreira (Orgs.), *Temas Clássicos da*

- Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento* (pp. 144-153). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Barros, L. M. A. (2016). *Inibição comportamental sob a perspectiva da Análise do Comportamento* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil.
- Bishop G., Spence S. H. & McDonald C. (2003) *Can parents and teachers provide a reliable and valid report of behavioral inhibition?* *Child Development*. 1899–1917. doi: 10.1046/j.1467-8624.2003.00645.x
- Bijou, S. W. & Baer, D. M. (1976). Socialización: Desarrollo de la conducta ante los estímulos sociales. In: *Psicología del desarrollo infantil: Teoría empírica y sistemática de la conducta* (pp. 247-267). México: Trillas.
- Calkins, S. D., Fox, N. A., & Marshall, T. R. (1996). Behavioral and physiological antecedents of inhibited and uninhibited behavior. *Child Development*, 67(2), 523-540. doi: 10.2307/1131830
- Carey, W. B. (1982). Validity of Parental Assessments of Development and Behavior. *American Journal of Diseases of Children*, 136(2), 97–99. doi: 10.1001/archpedi.1982.03970380009001
- Degnan, K. A., & Fox, N. A. (2007). Behavioral inhibition and anxiety disorders: Multiple levels of a resilience process. *Development and Psychopathology*, 19(3), 729–746. doi: 10.1017/S0954579407000363
- DiLalla, L. F., Kagan, J., & Reznick, J. S. (1994). Genetic etiology of behavioral inhibition among 2-year-old children. *Infant Behavior and Development*, 17(4), 405-412. doi: 10.1016/0163-6383(94)90032-9

- Fox, N. A., Rubin, K. H., Calkins, S. D., Marshall, T. R., Coplan, R. J., Porges, S. W., ... & Stewart, S. (1995). Frontal activation asymmetry and social competence at four years of age. *Child Development*, 66(6), 1770-1784. doi: 10.2307/1131909
- Fox, N. A., Henderson, H. A., Marshall, P. J., Nichols K. E., & Ghera, M. M. (2005). Behavioral inhibition: Linking biology and behavior in a developmental framework. *Annual Review of Psychology*, 56, 235–262. doi: 10.1146/annurev.psych.55.090902.141532
- Garcia-Coll, C., Kagan, J. & Reznick, J. S. (1984). Behavioral inhibition in young children. *Child Development*, 55(3), 1005-1019. doi: 10.2307/1130152
- Gensthaler, A., Khalaf, S., Ligges, M., Kaess, M., Freitag, C. M., & Schwenck, C. (2016). Selective mutism and temperament: the silence and behavioral inhibition to the unfamiliar. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 25(10), 1113–1120. doi: 10.1007/s00787-016-0835-4
- Kagan, J., Reznick, J. S., Clarke, C., Snidman, N., & Garcia-Coll, C. (1984). Behavioral inhibition to the unfamiliar. *Child Development*, 55(6), 2212-2225. doi: 10.2307/1129793
- Kagan, J. Reznick, J. S., & Snidman, N. (1987). The physiology and psychology of behavioral inhibition in children. *Child Development*, 58(6), 1459-1473. doi: 10.2307/1130685
- Kagan, J., Reznick, J. S., Snidman, N., Gibbons, J., & Johnson, M. O. (1988a). *Childhood derivatives of inhibition and lack of inhibition to the unfamiliar. Child Development*, 59(6), 1580-1589. doi: 1023.2307/1130672
- Kagan, J. Reznick, J. S., & Snidman, N. (1988b). Biological bases of childhood shyness. *Science*, 240(4849), 167-171. doi: 10.1126/science.3353713

- Kagan, J., Reznick, J. S., & Gibbons, J. (1989). Inhibited and uninhibited types of children. *Child Development*, 60(4), 838-845. doi: 10.2307/1131025
- Kagan, J. & Snidman, N. (1991). Temperamental factors in human development. *American Psychologist*, 46(8), 856-862. doi: 10.1037/0003-066x.46.8.856
- Kagan, J., Snidman, N., & Arcus, D. (1993). On the temperamental categories of inhibited and uninhibited children. In K. H. Rubin, & J. Asendorff (Eds), *Social withdrawal, inhibition, and shyness in childhood* (pp. 19-28). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Kagan, J. & Snidman, N. (2004). *The long shadow of temperament*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Kaplan H. I., Sadock B. J. (2017). *Compêndio de Psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. 11ª ed. São Paulo: Artmed.
- Linhares, M. B. M, Santa Maria – Meneghel S. M., Silvaes, E. F. M., Rocha, M. M., (2010). Versão traduzida do “ChildBehavior Checklist for ages 1 ½-5” (Achenbach, 2000).
- Matos, M. A. (1983). *A medida do ambiente de desenvolvimento infantil*. *Psicologia*, 9(1), 05-18.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência do comportamento Humano* (11ª ed.) (J. C. Todorov & R. Azzi, Trans.). São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1953).
- Skinner, B. F. (2005). Teorias da aprendizagem são necessárias? *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1(1), 105-124 (Trabalho originalmente publicado em 1950).
- Skinner, B. F. (2007). Seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9, 129-137. (Trabalho originalmente publicado em 1981).

Skinner, B. F. (1984). The evolution of behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 41(2), 217-221.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro de identificação de Comportamentos Inibidos Pesquisa de Mestrado sobre Inibição Comportamental - Mariana R. Proença

A inibição comportamental pode ser caracterizada por comportamentos de cautela, evitação, timidez e ativação fisiológica elevada diante de situações novas. Ocorre em diferentes contextos e com grau moderado de continuidade. Ao observar crianças em situações programadas os sinais de inibição encontrados incluem:

1. Diminuir a frequência de respostas

- Se comparadas às desinibidas, conversam significativamente menos.

2. Evitar estímulos novos e desconhecidos

- Não interage espontaneamente com desconhecidos.
- Fica relutante em aproximar-se e interagir com uma pessoa desconhecida.
- Evita crianças que não conhece.
- Foge de eventos desconhecidos.

3. Delongar para iniciar uma ação

- Leva longos períodos para aproximar-se e interagir com pessoas ou objetos desconhecidos.

4. Manter-se próximo à mãe

- Agarra-se ou permanece próximo à mãe.

5. Interromper uma ação

- Fica quieta, para de falar e de se movimentar.

6. Apresentar respostas emocionais

- Chora ou aflige-se durante a apresentação de estímulos.

7. Apresentar reações fisiológicas de estresse ou ansiedade

- Percebe-se que a frequência cardíaca aumenta, há maior transpiração, as mãos ficam mais frias, tem tremores.

8. Apresentar respostas de alerta

- Fica olhando fixamente crianças ou adultos desconhecidos enquanto não se engaja em nenhuma atividade.

APÊNDICE B

Instruções:

Abaixo serão apresentadas algumas sentenças em que você deverá indicar uma ou mais alternativas sobre como a sua criança costuma reagir diante de situações parecidas. Caso nenhuma alternativa descreva a forma como ela costuma reagir, ou você queira contar sobre outra possível resposta, você deverá responder “outra opção”. Ao final de cada questão você deverá nos contar a respeito de situações parecidas pelas quais vocês já passaram, ressaltando como você se comportou em relação à sua criança.

Questões:

1. Quando sua criança é abordada por uma **pessoa desconhecida** em um lugar público (por exemplo: num parque ou supermercado), ela costuma:

- agarrar-se a você
- esconder o rosto
- ficar paralisada e em silêncio
- dar as costas ao estranho
- interagir normalmente com o estranho
- outra resposta _____

2. Quando sua criança precisa **passar por uma consulta** médica, odontológica ou psicológica, ela costuma:

- ficar tranquilamente
- agarrar-se a você
- chorar ou gritar
- não responder as perguntas do profissional
- não permitir que seja examinada
- outra resposta _____

3. Quando um **amigo de sua criança** visita sua casa:

- eles brincam de correr pela casa
- pulam na cama e no sofá
- preferem brincadeiras que exigem concentração e pouco esforço físico como videogame e jogos de lógica
- variam entre brincadeiras de esforço físico como pular, correr e as de concentração
- brincam de competições
- outra resposta _____

4. Quando recebe visita de uma **criança desconhecida** com idade aproximada a de sua criança, ela costuma:

- esconder-se em algum cômodo da casa até a outra criança ir embora
- interagir com a outra criança somente se você mandar
- receber gentilmente a criança e brincar com ela
- manter-se distante observando a criança
- demorar a interagir, mas com o tempo se acostuma com a criança e passa a brincar com ela
- outra resposta _____

5. Diante de um **grupo de crianças desconhecidas brincando**, com idades próximas a de sua criança, ela costuma:

- ficar observando o grupo por um tempo
- aproximar-se lentamente do grupo
- é necessário que você ou o adulto que esteja com ela a incentive ou a acompanhe para juntar-se ao grupo
- mesmo incentivando-a ela não se junta ao grupo
- integrar-se ao grupo com facilidade
- outra resposta _____

6. Ao **visitar a casa de um adulto pouco conhecido** à sua criança, ela criança costuma:

- empacar na frente da casa e não querer entrar
- ficar próximo a você ou ao adulto que está com ela observando o ambiente
- esconder o rosto quando falam com ela
- ficar à vontade no ambiente em poucos minutos
- sair de perto de você ou do adulto que está com ela para explorar a casa
- outra resposta _____

7. Em **eventos sociais ou com familiares distantes**, sua criança costuma:

- ter iniciativa para cumprimentar a todos
- ficar escondida atrás de você até se ambientar
- é preciso mandá-la cumprimentar as pessoas
- responder apenas ao que lhe for perguntado
- não responder às perguntas que lhe são feitas por outros adultos
- outra resposta _____

8. Quando visitam **um novo parquinho**, sua criança costuma:

- correr imediatamente e explorar todos os brinquedos
- observar todos os brinquedos antes de aproximar-se deles
- pedir à você ou ao adulto que está com ela para que fique próximo aos brinquedos junto a ela
- só brincar em brinquedos com os quais já está acostumada
- outra resposta _____

9. Quando sua criança ganha um **novo brinquedo**, ela costuma:

- agarrar ao objeto assim que ele é posto ao seu alcance
- observar o objeto por um período antes de tocá-lo
- se está distraído com outra atividade nem sempre se interessa em saber o que ganhou
- explorar o novo brinquedo até descobrir todas suas formas de diversão
- outra _____

10. Quando sua criança está em casa ao ouvir **barulhos altos ou fortes repentinamente** (como de uma sirene, liquidificador, aspirador de pó, motor de moto), ela costuma:

- levar um susto
- parar o que estava fazendo para verificar de onde vem o barulho
- correr para perto de você ou de outro adulto que esteja próximo
- continuar o que estava fazendo, parecendo não se importar
- outra resposta _____

11. Diante de **barulhos de baixo tom** como de uma goteira ou ventilador, sua criança costuma:

- nem perceber o barulho

- ficar incomodada
- tentar encontrar soluções para cessar o barulho
- perceber barulhos que antes dela mencionar você não havia notado
- perceber o barulho, mas permanecer concentrada em suas atividades
- outra resposta_____

12. Ao visitar lugares públicos, quando **você fica fora da vista** de sua criança ela costuma:

- chorar
- sair correndo a sua procura
- ficar imóvel até seu retorno
- mal perceber sua ausência
- chamar desesperadamente por você
- outra resposta_____

13. Em ambientes em que sua criança se depara com **animais que não costuma ter contato** em seu dia-a-dia (como coelhos, porquinhos da índia, tartarugas ou até mesmo cães e gatos), sua criança costuma:

- ficar curiosa e pedir para tocar o animal
- demonstrar sentir medo
- ficar paralisada até que o animal esteja distante
- fazer perguntas sobre o animal
- gritar ou chorar quando o animal se aproxima
- outra resposta_____

14. Quando lhe é oferecida a oportunidade de **escolher uma atividade** para realizar junto a outras pessoas, ela costuma:

- parar e pensar antes de decidir
- decidir o que vai fazer rapidamente
- ir atrás de tudo que for necessário para realizar a atividade
- sempre decidir devagar e sem pressa o que irão fazer
- pedir para que outra pessoa decida por ela
- outra resposta_____

APÊNDICE C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

“Consequências apresentadas pelo cuidador ao comportamento inibido da criança”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa “Consequências apresentadas pelo cuidador ao comportamento inibido da criança”, a ser realizada na “Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL)”. O objetivo da pesquisa é “estudar a interação entre crianças com comportamentos inibidos e seus cuidadores frente a situações estranhas à criança”. Sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma:

- Responder a dois questionários sobre os comportamentos de sua criança em situações cotidianas comparado aos de outras da mesma idade nos últimos meses.
- Participar de uma entrevista na qual responderá perguntas sobre como sua criança se comporta em situações novas e desconhecidas, em ambientes que demandem interação com outras pessoas e situações de separação do cuidador. A entrevista será gravada para posterior transcrição e análise.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que as informações sobre você e a criança sob sua responsabilidade serão utilizadas para os fins desta pesquisa e de uma possível pesquisa futura em continuação desta, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar suas identidades. Após a utilização da gravação, os materiais serão arquivados por até dois anos, caso seja necessário acessar aos dados novamente. Transcorrido este prazo, os arquivos serão apagados.

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas especificamente de sua participação. O transporte até o local onde o procedimento será realizado será de sua responsabilidade e o reembolso será realizado de acordo com o valor da passagem do transporte público.

Os benefícios esperados são contribuir com a compreensão do fenômeno inibição comportamental e quais fatores podem influenciar na manutenção dos comportamentos inibidos das crianças. Além disso, será ofertado um programa de capacitação aos cuidadores com o intuito de instruí-los sobre como lidar com crianças inibidas, e apresentar estratégias

adequadas para estimulá-las a serem mais desinibidas. Os riscos em responder os questionários e em ser entrevistado são mínimos, mas a decisão em participar ou não será sua, e a respeitaremos.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar (Mariana Rodrigues Proença, Rua Dragem Feld, 66, (43) 988102345/ 33287944, mariana.r.proenca@gmail.com), ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue à você.

Londrina, ____ de _____ de 2017.

Pesquisador Responsável

RG: 109441759

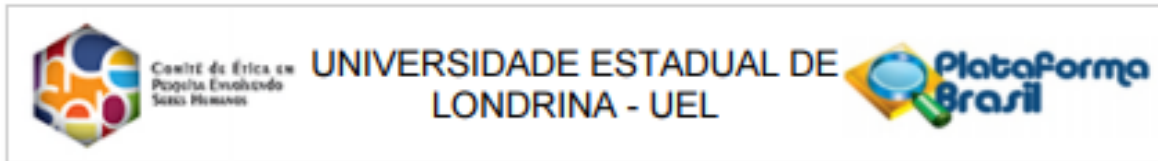
_____ (NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

ANEXOS

ANEXO A



Continuação do Parecer: 2.139.248

- Registrar e categorizar os comportamentos de interação do cuidador em relação à criança quando exposta a objetos novos e pessoas estranhas.
- Fazer uma análise da função do comportamento materno consequente aos comportamentos inibidos de sua criança.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Sobre os riscos, o pesquisador declara que durante os episódios na sessão de observação a criança poderá se sentir desconfortável e vir a chorar durante os episódios da sessão de observação, no entanto, o cuidador será orientado pelo pesquisador para acalmar prontamente a criança sempre que o cuidador julgar necessário. O pesquisador declara ainda que o projeto não contém risco de nenhum dano físico ou emocional permanente para os participantes.

Em relação aos benefícios, está informado no projeto que todos os cuidadores que se prontificarem a participar da pesquisa, mesmo que suas crianças não sejam classificadas como inibidas de acordo com os critérios de seleção, serão convidados para participarem de um programa de capacitação elaborado com o intuito de instruí-los sobre como lidar com crianças inibidas, e apresentar estratégias adequadas para estimulá-las a serem mais desinibidas, tendo em vista que comportamentos mais desinibidos parecem ser mais adaptativos, tanto para as crianças como para seus familiares, por não estarem sujeitos a sanções negativas do ambiente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

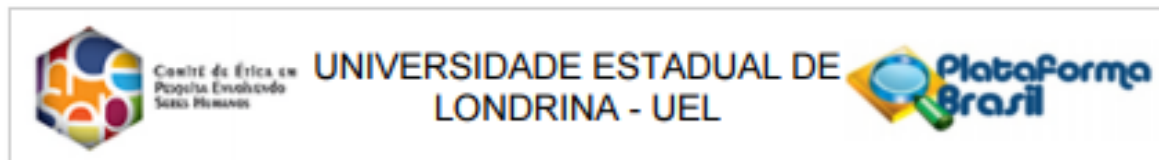
O comitê considera a pesquisa relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresentou:

- Folha de rosto: devidamente assinada
- Projeto cadastrado com inadequações na metodologia.
- Cronograma adequado
- Orçamento adequado
- TCLE do cuidador: em forma de convite; em relação aos riscos está mencionado qual será a conduta a ser tomada; os benefícios também estão declarados.
- TCLE do educador: em forma de convite; em relação aos riscos está mencionado qual será a conduta a ser tomada; os benefícios também estão declarados.
- TCLE da criança: em forma de convite; em relação aos riscos está mencionado qual será a

Endereço: LABESC - Sala 14
 Bairro: Campus Universitário CEP: 86.057-970
 UF: PR Município: LONDRINA
 Telefone: (43)3371-5455 E-mail: cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 2.139.248

conduta a ser tomada; os benefícios também estão declarados.

Recomendações:

Duas recomendações:

1- Substituir a palavra inventário no TCLE, pois trata-se de um termo técnico. A mesma poderia ser substituída para questionário.

2- Para os próximos projetos a serem submetidos para análise, mesmo que sejam para análise de pendências, observar as datas de reuniões do comitê. De acordo com o cronograma do presente projeto, o convite aos participantes já se daria na próxima segunda-feira, dia 26/06 e de acordo com o cronograma de reuniões do CEP, a próxima reunião do mesmo para apreciação de projetos será no dia 03/07. Caso, o projeto novamente apresente pendências, o mesmo não poderia se iniciar no dia 26/06. Sendo assim, recomenda-se que o projeto seja iniciado sempre após a data de reunião do CEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto pode ser iniciado de acordo com o seu cronograma, tendo início dia 26/06, uma vez que não apresenta mais inadequações. Mas gostaríamos de ressaltar a importância da segunda recomendação (vide recomendações) para novos projetos que poderão ser submetido para análise deste comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_879905.pdf	13/06/2017 17:58:11		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Modelo_para_educadores_2.doc	13/06/2017 17:57:21	MARIANA RODRIGUES PROENCA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Modelo_para_cuidadores_2.doc	13/06/2017 17:57:00	MARIANA RODRIGUES PROENCA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_Modelo_para_Crianca.doc	13/06/2017 17:56:39	MARIANA RODRIGUES PROENCA	Aceito

Endereço: LABESC - Sala 14
 Bairro: Campus Universitário CEP: 86.057-970
 UF: PR Município: LONDRINA
 Telefone: (43)3371-5455 E-mail: cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 2.139.248

Ausência	TCLE_Modelo_para_Crianca.doc	13/06/2017 17:56:39	MARIANA RODRIGUES PROENÇA	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_PIBr.docx	13/06/2017 17:52:43	MARIANA RODRIGUES PROENÇA	Acelto
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	03/04/2017 21:03:06	MARIANA RODRIGUES PROENÇA	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Clinica.pdf	10/03/2017 19:20:26	MARIANA RODRIGUES PROENÇA	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LONDRINA, 26 de Junho de 2017

Assinado por:
Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli
(Coordenador)

Endereço: LABESC - Sala 14
 Bairro: Campus Universitário CEP: 86.057-970
 UF: PR Município: LONDRINA
 Telefone: (43)3371-5455 E-mail: cep268@uel.br

ANEXO B
Questionário Socioeconômico

Serão feitas algumas perguntas sobre itens do seu domicílio para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

Itens de Conforto	Não possui	Quantidade que possui			
		1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de <i>freezers</i> independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

A água utilizada neste domicílio é proveniente de?	
1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou nascente
3	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que sua rua é:	
1	Asfaltada/Pavimentada
2	Terra/Cascalho

Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.		
	Nomenclatura atual	Nomenclatura anterior
1	Analfabeto/Fundamental Incompleto	Analfabeto/Primário Incompleto
2	Fundamental Incompleto/Fundamental Incompleto	Primário Completo/Ginásio Incompleto
3	Fundamental Completo/Médio Incompleto	Ginásio Completo/Colegial Incompleto
4	Médio Completo/Superior Incompleto	Colegial Completo/Superior Incompleto
5	Superior Completo	Superior Completo

ANEXO C

Nome do Cuidador:**Nome da Criança:****Grau de Parentesco:****Telefone para Contato:****Nº da Ficha:****Questionários de Inibição Comportamental (Para pais)**

A seguir serão apresentadas sentenças que descrevem o comportamento de crianças em diferentes situações. Por favor, avalie como seu (sua) filho(a) se comporta em cada uma das situações quando comparada a outras crianças da mesma idade. Circule o número “1” se o comportamento “nunca” ocorrer, o número “2” se ocorrer “muito raramente”, o número “3” se ocorrer “menos da metade das vezes”, assim por diante.

<p>1. Enfrenta novas situações de forma muito desconfiada</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>2. Ficará feliz em se aproximar de um grupo de crianças desconhecidas para se juntar a brincadeira delas</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre
<p>3. É muito quieto(a) diante de novos adultos que visitam nossa casa</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>4. É cauteloso(a) em atividades que envolvem atividade física (por exemplo: subir lugares altos, brincar em parquinhos)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre
<p>5. Sossega rapidamente quando visitamos a casa de pessoas que não conhecemos muito bem</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>6. Gosta de ser o centro das atenções</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre
<p>7. Sente-se confortável em chamar outras crianças para brincar</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>8. Fica tímido(a) quando conhece uma nova criança</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre

<p>9. Separa-se do(s) pai(s) com alegria quando deixado(a) em situações novas pela primeira vez (ex: primeiro dia de aula no jardim de infância, pré-escola ou creche)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>10. Fica feliz ao se apresentar diante de outras pessoas (por exemplo: cantar, dançar)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre
<p>11. Adapta-se rapidamente a novas situações (por exemplo: jardim de infância, pré-escola, creche)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>12. Fica relutante para aproximar-se de um grupo de crianças estranhas e pedir para juntar-se a elas</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre
<p>13. É confiante em atividades que envolvem desafio físico (por exemplo: subir em lugares altos, brincar em parquinhos)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>12. É independente</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre
<p>15. Parece confortável em situações novas</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>16. É muito falante com adultos desconhecidos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre
<p>17. É hesitante para explorar novos jogos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>18. Fica chateado ao ser deixado(a) em novas situações pela primeira vez (por exemplo: jardim de infância, pré-escola, creche)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre

<p>19. É muito amigável com crianças que acabou de conhecer</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>20. Prefere assistir outras crianças em vez de juntar-se a brincadeiras com elas</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre
<p>21. Não gosta de ser o centro das atenções</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>22. Fica grudado quando visitamos pessoas que não conhece muito bem</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre
<p>23. Aproxima-se alegremente de novas situações ou atividades</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>24. É extrovertido</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre
<p>25. Parece nervoso ou desconfortável em novas situações</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>26. Conversa alegremente com os adultos que visitam nossa casa</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre
<p>27. Leva vários dias para se acostumar a novas situações (por exemplo: jardim de infância, pré-escola, creche)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>28. É relutante para se apresentar diante de outras pessoas (por exemplo: cantar, dançar)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre
<p>29. Explora com animação novos equipamentos de jogos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre 	<p>30. É muito quieto com adultos estranhos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Menos da metade das vezes 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Muito frequentemente 7. Quase sempre